

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
dição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alexsandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação, política e atores coletivos [recurso eletrônico] / Organizador Alexsandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-365-1

DOI 10.22533/at.ed.651201709

1. Comunicação. 2. Política e governo. I. Ribeiro, Alexsandro Teixeira.

CDD 302.24

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação, Política e Atores Coletivos” reúne uma série de contribuições científicas que aprofundam o debate sobre temas de convergência entre as áreas da comunicação, como jornalismo, publicidade e relações públicas, em diálogo com outras áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, ciência política e marketing. De cunho interdisciplinar, a obra tem por objetivo apresentar o resultado de pesquisas realizadas em todo o país, consolidando um quadro de cooperações científicas que destaca a excelência nacional na produção de conhecimento. O resultado deste esforço, é uma organização que problematiza assuntos atuais e de relevância pública, como crise econômica, representatividade, gêneros, combate ao feminicídio e movimentos sociais.

De fato, em uma sociedade imersa na comunicação, em que a realidade é socialmente construída a partir das tecnologias da informação, o papel dos meios na representatividade e visibilidade social de um fato é de extrema centralidade. Com isso, a comunicação torna-se a arena para debates que renovarão a esfera pública e promover a integração da sociedade, sobretudo no que diz respeito às comunidades em vulnerabilidade, as identidades que clamam por reconhecimento e os movimentos sociais. Este é o palco que se torna predominante entre as contribuições científicas nesta obra reunida e publicada pela Atena Editora.

Aqui, em um primeiro bloco de artigos, nos aprofundamos na análise dos meios de comunicação ora como promotores de empoderamento, ora como espaço de exclusão. Nesta dicotomia, observamos os discursos e comportamentos da mídia frente ao feminismo, à representatividade da comunidade LGBTI, e à participação das mulheres nos espaços de poder. E não se encerra aí. Ainda observamos nos demais artigos e esforços acadêmicos, que dão conta da amplitude da obra e da qualidade da formação superior nacional, temas como luta pela terra, políticas públicas, a história recente brasileira na luta pela democracia, a violência urbana, crise econômica e o papel da mídia e do Estado em áreas de invisibilidade social. O rigor metodológico e as contribuições interdisciplinares faz da coleção “Comunicação, Política e Atores Coletivos” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESTADÃO: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM REPORTAGENS VEICULADAS NOS ANOS DE 1985 E 2015 | |
| Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017091 | |
| CAPÍTULO 2 | 14 |
| LIP SYNC FOR YOUR LIFE: UMA DISCUSSÃO JORNALÍSTICA SOBRE DRAG QUEENS | |
| Talita Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017092 | |
| CAPÍTULO 3 | 26 |
| MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO CIVIL FEMININA NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018 | |
| Raquel Lobão Evangelista | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017093 | |
| CAPÍTULO 4 | 40 |
| MÍDIAS DIGITAIS, CUIDADO E AUTOCUIDADO NO MOVIMENTO FEMINISTA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO | |
| Cosette Castro | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017094 | |
| CAPÍTULO 5 | 53 |
| A MULHER NA FOLHA BANCÁRIA: UM RECORTE DE GÊNERO NA IMPRENSA SINDICAL | |
| Alexsandro Teixeira Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017095 | |
| CAPÍTULO 6 | 65 |
| AS RECATADAS: AS MULHERES ENQUANTO PAUTA E PROTAGONISTAS NO RÁDIO | |
| Sofia Soares Dietmann Leslie Sedrez Chaves | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017096 | |
| CAPÍTULO 7 | 75 |
| O CORPO NOS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCOMUNICAÇÃO | |
| Ricardo Barretto | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017097 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 85 |
| CÂNCER DE MAMA: CORPO, POLÍTICA E A FOTOGRAFIA HUMANISTA DE KATHARINA MOURATIDI | |
| Mônica Torres | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017098 | |
| CAPÍTULO 9 | 101 |
| O PAPEL DO JORNALISMO NO CONTROLE DEMOCRÁTICO E NA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS | |
| Juciméri Isolda Silveira | |
| Manuella Niclewicz | |
| DOI 10.22533/at.ed.6512017099 | |
| CAPÍTULO 10 | 110 |
| CONTROLE, REPRESSÃO E VIGILÂNCIA SOB O OLHAR INFANTIL EM <i>O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS</i> | |
| Gisele Gutstein Guttschow | |
| Juliana de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170910 | |
| CAPÍTULO 11 | 124 |
| DO TRABALHO PRECÁRIO À ORGANIZAÇÃO MILITANTE: FORMAS DE ATUAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST) | |
| Renan Dias Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170911 | |
| CAPÍTULO 12 | 140 |
| A CIDADE DO MEDO: A CRISE POLÍTICO-ECONÔMICA E SEUS EFEITOS SOBRE A MARCA RIO | |
| Patricia Cerqueira Reis | |
| Diego Santos Vieira de Jesus | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170912 | |
| CAPÍTULO 13 | 154 |
| A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA ACERCA DO FATO HISTÓRICO | |
| Carlos Eduardo Klingelfus Grasso | |
| Guilherme Barros Nascimento | |
| Israel Filipe Santos Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170913 | |
| CAPÍTULO 14 | 170 |
| BANDIDOS NA TV: A MORTE PELA AUDIÊNCIA | |
| Marcela Rochetti Arcoverde | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170914 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 15 | 181 |
| O JORNALISMO NA ERA DO ENTRETENIMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE INFOTENIMENTO | |
| Paula Miranda | |
| Leonel Azevedo de Aguiar | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170915 | |
| CAPÍTULO 16 | 194 |
| GUTEMBERG: A ERA DA IMPRENSA | |
| Adelcio Machado dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170916 | |
| CAPÍTULO 17 | 202 |
| INSTRUMENTOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR INFORMAIS: UMA ANÁLISE DOS CONSELHOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB | |
| Jacynara Farias de Souza Marques | |
| Rafaela Azevedo dos Santos Felix | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170917 | |
| CAPÍTULO 18 | 221 |
| INTERVENÇÃO FEDERAL NO RIO DE JANEIRO (2018): ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS MUDIÁTICAS UTILIZADAS PELO <i>JORNAL NACIONAL</i> E DA SUA RESPONSABILIDADE NA MUDIATIZAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA VIOLÊNCIA NO ESTADO | |
| Tamiris Artico | |
| Carla Montuori Fernandes | |
| Maria Goreti Lopes Artico | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170918 | |
| CAPÍTULO 19 | 244 |
| NEUROMARKETING APLICADO SOBRE GRANDES MASSAS | |
| Adelcio Machado dos Santos | |
| Alexandre Carvalho Acosta | |
| Evandro Henrique Cavalheri | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170919 | |
| CAPÍTULO 20 | 252 |
| O BRASIL NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS QUE CIRCULAM NO IMAGINÁRIO ESTRANGEIRO, PRODUÇÃO, CONSUMO E PODER | |
| Roberta Brandalise | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170920 | |
| CAPÍTULO 21 | 265 |
| O CELEIRO VAZIO: A DECISÃO DE PUBLICITÁRIOS DE DEIXAR AS AGÊNCIAS CARIOCAS | |
| Roberto Sá Filho | |
| Diego Santos Vieira de Jesus | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170921 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 22..... | 282 |
| A FOTOGRAFIA EM RELAÇÕES PÚBLICAS | |
| Ana Domitila Rosa Lemos Silva | |
| Gardene Leão | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170922 | |
| CAPÍTULO 23..... | 295 |
| PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM DIÁLOGO COM ARQUITETURA E DIREITO | |
| João Ernesto Pessutto | |
| Marco Aurelio Prette Charaf Bdine | |
| Nelson Finotti Silva | |
| Carlos Florido Migliori | |
| Paula de Oliveira Santos Miyazaki | |
| Neide Aparecida Micelli Domingos | |
| Leda Maria Branco | |
| Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170923 | |
| CAPÍTULO 24..... | 308 |
| UM TOM REDENTOR PARA O DISCURSO PUBLICITÁRIO DIANTE DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA | |
| Lívia Valença da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170924 | |
| CAPÍTULO 25..... | 322 |
| DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS: APLICAÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL | |
| Tháís Sanches Silva | |
| Eliana Melcher Martins | |
| DOI 10.22533/at.ed.65120170925 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR..... | 333 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 334 |

CAPÍTULO 3

MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO CIVIL FEMININA NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 19/06/2020

Raquel Lobão Evangelista

Universidade Católica de Petrópolis e UERJ
Rio de Janeiro – RJ
<http://lattes.cnpq.br/3763796698808938>

RESUMO: É possível afirmar que uma das mais fortes manifestações contra o retrocesso civilizacional representado pela candidatura de Jair Bolsonaro como presidente brasileiro não veio de seus adversários políticos, mas sim do grupo Mulheres Unidas contra Bolsonaro dinamizado no Facebook. Em menos de uma semana após sua criação, o grupo chegou a contar com mais de 2 milhões de pessoas. Considerando este contexto, surge a dúvida se a voz feminina é realmente parte de um discurso empoderador e orientado para a conscientização de iniciativas democráticas. Essa questão leva ao objetivo principal deste artigo: refletir sobre o comportamento das participantes do grupo supracitado em termos de participação política a partir da análise de conteúdo de suas mensagens. Considerando os recentes acontecimentos político-sociais e o fortalecimento de discursos antidemocráticos nos sites de redes sociais, justifica-se a relevância das reflexões aqui apresentadas. Metodologicamente, adotou-se a etnografia em ambiente digital (FERRAZ E PORTO, 2017; HINE, 2015) como técnica para coleta de dados, seguida de uma pesquisa de

cunho exploratório-descritivo. Com base nas propostas teóricas de CASTELLS (2013), DI FELICE (2017); PUTNAM (1993); BALDASSARI (2007); RENTSCHLER (2014); DAHL (2015); FRANÇA *et al.* (2015) e AJZEN (1991), o conteúdo postado foi categorizado e relacionado a possíveis papéis desempenhados pelas participantes do movimento.

PALAVRAS-CHAVE: democracia; ciberativismo; TPB.

WOMEN UNITED AGAINST BOLSONARO – THEORETICAL REFLECTIONS ABOUT THE CIVIL FEMALE PARTICIPATION IN THE 2018 PRESIDENTIAL ELECTION

ABSTRACT: It is possible to affirm that one of the strongest manifestations against the civilizational setbacks represented by the candidacy of Jair Bolsonaro as Brazilian president did not come from his political opponents. It came from the group Women United against Bolsonaro in Facebook. In less than one week after its creation, the group reached more than 2 million people. Considering that context, a question arises is the female voice really part of an empowering discourse and oriented towards the awareness of democratic initiatives? This question leads to the main objective of this research: reflect on the behavior of participants in the aforementioned group in terms of political participation based on the content of their messages. Considering the recent political-social events and the strengthening of antidemocratic discourses in social networks, the relevance of the reflections presented in here is justified. Methodologically, ethnography in a digital environment (PEREIRA,

2017; HINE, 2015) was adopted as a technique for data collection, followed by an exploratory-descriptive research. Based on the theoretical proposals of CASTELLS (2013), DI FELICE (2017); PUTNAM (1993); BALDASSARI (2007); RENTSCHLER (2014); DAHL (2015); FRANÇA *et al.* (2015) and AJZEN (1991), the content posted was categorized and related to possible roles played by participants in the movement.

KEYWORDS: democracy; cyberactivism; TPB.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A discussão sobre a participação feminista na política em geral e no contexto historicamente definido da política brasileira, em particular, precisa enfrentar um conjunto de questões que vai muito além da discussão do feminismo em si. Embora as mulheres brasileiras tenham alcançado conquistas nas duas últimas décadas, nenhum desses ganhos parece ter sido suficientemente forte para ampliar as fundações do movimento ou facilitar a incorporação de questões levantadas pelo feminismo na agenda política.

Prova de que ainda há muitas conquistas a serem feitas é que, mesmo em 2015, foi preciso que protestos femininos mobilizassem a opinião pública e agenda política sobre o projeto de lei 5069/2013. Na ocasião, deu-se a aprovação de tal projeto na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara Federal. O projeto trata do atendimento às mulheres vítimas de violência sexual no sistema público de saúde. Também conhecida como Primavera das Mulheres, os protestos tiveram origem no Rio de Janeiro, por meio de convocações feitas pela internet.

Para MIGUEL E BIROLI (2015), a importância do PL 5069/2013 na conjuntura do ano de 2015 se deve ao fato dele articular os dois temas mais importantes da agenda política feminista no Brasil, a violência contra as mulheres e a legalização do aborto. Após décadas de conquistas dos movimentos nesses campos, para as mulheres, “em especial as mais jovens, faz cada vez menos sentido o controle dos homens sobre seus corpos, o exercício indiscriminado da autoridade masculina nas relações interpessoais ou por mecanismos institucionais e o comprometimento da sua cidadania, e mesmo da sua integridade física” (Miguel e Biroli, 2015, p. 21).

Apenas três depois, outra ocasião merece análise. Na verdade, ousa-se afirmar que uma das mais fortes manifestações contra o retrocesso civilizacional representado pela candidatura de Jair Bolsonaro às eleições presidenciais não veio de seus adversários políticos, e sim do grupo Mulheres contra Bolsonaro dinamizado no Facebook. Seu objetivo principal é providenciar um lugar virtual para debate e defesa da política misógina, racista e homofóbica proposta pelo candidato do PSL (Figura I). Em menos de uma semana após sua criação, no dia 11/09/2018, o grupo chegou a contar com mais de 2 milhões de pessoas e mais de 900 mil pessoas em espera do aceite como membro.

Apenas três dias após sua ativação, o grupo sofreu um ataque cibernético que não apenas mudou o nome para Mulheres COM Bolsonaro (Figura II), mas também gerou

ameaças abertas às administradoras do grupo (forte caráter de intimidação), inclusive com a exposição de dados pessoais. Embora o caso tenha sido denunciado ao Facebook e às autoridades policiais, a página voltou a funcionar e ser moderado pelas mulheres que o fundaram apenas dois dias depois. (Figura III). Até o momento, não houve um desfecho legal para o caso, encontrando-se o mesmo em fase de realização de nova perícia.

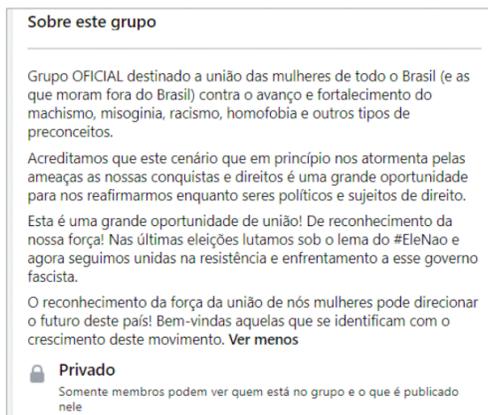


Figura I – Descrição do propósito da página

Fonte: Facebook¹



Figura II – Mudanças nos nomes da página durante o ataque

Fonte: Facebook

¹ Disponível em <https://www.facebook.com/groups/grupomucb/about>; último acesso em 02/07/2020.



Figura III – Linha do Tempo

Fonte: elaboração própria

Inspirando-se nestes dois momentos da política brasileira, alguns questionamentos surgiram. A voz feminina é realmente parte de um discurso empoderador e orientado para a conscientização de iniciativas democráticas? Seria possível categorizar as postagens realizadas em tais convocações, de forma que se possa analisar as interações sociais? Essas questões conduzem ao objetivo principal deste trabalho: identificar os papéis desempenhados pelos membros do grupo Mulheres contra Bolsonaro, no Facebook, em termos de participação política.

Não se pode negar que outras mobilizações expressivas contra um candidato em eleições já foram realizadas. Nos Estados Unidos, por exemplo, movimentos especificamente de mulheres contra Donald Trump tomaram a cena em março de 2018. Todavia, não alcançaram um resultado numericamente expressivo. Defende-se aqui a ideia de que nas eleições brasileiras anteriores (2014, 2010), em que determinados candidatos foram reconhecidos como de extrema direita pela opinião pública, a proclamação do voto

foi mais ocultada. Isto significa que, naquela altura, os eleitores se continham na expressão pública de suas escolhas. Tal forma de agir e interagir, no entanto, não se manteve na última eleição presidencial brasileira (2018). Vivenciou-se uma eleição despudorada e fortemente marcada por uma polarização ideológica.

Os lugares de fala e discursos relacionados aos candidatos foram extremamente abertos e compartilhados. “Nunca antes o brasileiro falou tanto sobre política. Até as últimas eleições o voto era secreto”. Este comentário popular caracteriza de fato a mudança no fenômeno social aqui analisado e que tem nas redes sociais um ponto de origem para reflexão. O papel dos sites de redes sociais (doravante apenas SRS) como um instrumento de fala e como palco para compartilhamento de ideias contribuiu em grande parte para a abertura discursiva e contraposição de opiniões que, em uma última instância, foi organizada e divulgada sob a forma de páginas e grupos, nomeadamente, no Facebook. Estas iniciativas, passíveis de serem encontradas em versões “mais à esquerda” ou “mais à direita”, trouxeram à tona reflexões para o exercício pleno dos direitos humanos e para a manutenção de um sistema democrático.

É preciso observar que o declínio da participação política tradicional nas democracias liberais é um fenômeno sobre o qual há fortes evidências empíricas, como os altos níveis de abstenção nas urnas e a falta de engajamento nos trabalhos de comitês eleitorais e agremiações partidárias (NORRIS, 2002; PUTNAM, 2015). Nessa conjuntura, as alterações processadas nos sistemas tradicionais de comunicação, com o surgimento das redes sociais, são vistas como capazes de promover novas formas de mobilização e engajamento cívico. Talvez, o exemplo mais recente seja as eleições para o Parlamento Europeu, quando diversos partidos usaram plataformas digitais como principal meio de sensibilização para o voto. O resultado foi o índice de 51% de participação dos eleitores em todo o continente (a mais alta nos últimos 20 anos), com grupos de extrema direita e eurocéticos, que triunfaram na Itália e na França, tornando-se o destaque. Levando em conta os recentes acontecimentos político-sociais e o fortalecimento de discursos antidemocráticos nos sites de redes sociais, justifica-se então a relevância dos questionamentos aqui apresentados.

COMUNICAÇÃO POLÍTICA E OS SRS

A comunicação política realizada com a mediação dos SRS para uma educação política do sujeito é uma prática que depende de interações no percurso cotidiano da sociedade civil. As ancoragens teóricas e interdependentes da política, da comunicação e das redes sociais encontraram pontos convergentes que podem auxiliar na compreensão do uso de SRS no contexto da comunicação política, de forma que as ações dos cidadãos sejam mais coerentes com os princípios de democracia participativa, representativa e deliberativa. Para SOUZA (2010), a democracia no Brasil deve, então, ser compreendida como um conjunto de mecanismos de participação, baseado no mix entre as perspectivas

de participação, deliberação e representação, havendo variações nas formas e nos pesos da dimensão de cada realidade apresentada, conforme o contexto local analisado.

Importante observar as palavras de Di Felice (2017, p. 11) sobre a relação do ativismo político e a comunicação:

Disso segue que um dos âmbitos estratégicos para narrar a complexidade e os significados do net-ativismo é o âmbito relativo à comunicação, não somente porque as interações de qualquer tipo, no interior de Gaia e das redes digitais, referem-se a lógicas comunicativas – obviamente não àquelas analógicas e tradicionais elaboradas nas disciplinas de comunicação da época industrial –, mas, sobretudo, porque as dimensões conectivas e comunicativas das info-matérias, assim como as conexões transorgânicas das biotecnologias, requerem, além de uma nova concepção sobre a matéria, a constatação do caráter comunicativo absoluto das ecologias da biosfera. Por conseguinte, as especificidades comunicativas que o net-ativismo desenvolve requerem a criação de uma nova ideia de comunicação que permita a narração dos contextos ecológicos das redes de interação, nos quais os processos informativos desenvolvem “formas comunicativas do habitar” e alterações dos próprios estados de natureza, e não, portanto, somente processos de distribuição de mensagens e informações.

Os SRS supostamente deveriam se constituir como um espaço democrático. Não apenas criam laços, mas construiriam um pensamento coletivo, e seriam desenhados de acordo com os interesses comuns de grupos como de estudo, trabalho, amizades, relacionamentos afetivos. No Brasil, o uso da internet e dos SRS continua expressivo (Figuras IV e V):

| Usuários de Internet (% da POP com 10 ou mais anos) | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| PNAD | 46,5% | 49,2% | 49,4% | 54,4% | 57,5% | 64,7% |
| TIC Domicílios | 46,0% | 49,0% | 51,0% | 55,0% | 58,0% | 61,0% |

| Usuários de Internet (milhões) | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 |
|--------------------------------|------|------|------|------|-------|-------|
| PNAD | 77,7 | 84,2 | 85,6 | 95,4 | 102,1 | 116,1 |
| TIC Domicílios | 76,6 | 80,9 | 85,8 | 94,2 | 102,0 | 107,9 |

Figura IV – Usuários de internet em Brasil

Fonte: Mídia Dados (2019)²

² Disponível em <http://www.gm.org.br/midia-dados-2019>; último acesso em 15/06/2020.



Figura V – Uso de SRS no Brasil (2019)

Fonte: We are Social (2019)³

De acordo com estas pesquisas, mais de 10 milhões de brasileiros se tornaram usuários de SRS entre 2018 e 2019 e, no ranking de países com maior média de horas usadas em SRS, o Brasil ficou com a segunda colocação. Só o Facebook conta com 130 milhões de usuários registrados. Os movimentos sociais organizados por mulheres têm se apoderado deste espaço, vendo-o como uma oportunidade de terem seu lugar de fala na sociedade.

As novas formas de movimentos sociais construídos, incluindo-se a iniciativa Mulheres contra Bolsonaro, instauram também um novo processo de construção de uma comunicação política que emerge das demandas da população, fazendo um caminho inverso na comunicação política, institucionalizada até então. Sobre o tema, Castells (2013, p. 129) afirma que:

O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se em rede é multimodal. Inclui redes sociais online e off-line, assim como redes pre-existentes e outras formadas durante as ações dos movimentos. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral.

Importante observar que embora os movimentos sociais apresentem esta tendência de começarem em SRS, eles se concretizam somente na ocupação do espaço urbano, performatizando uma relação de complementaridade entre online e offline.

³ Disponível em <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>; último acesso em 15/06/2020.

COMPORTAMENTO E A VOZ FEMININA SOBRE POLÍTICA EM SRS

A complexidade para se compreender o comportamento humano nos SRS pode decorrer das interações como um todo, incluindo os aspectos mental e social, e de seu dinamismo e flexibilidade em produzir respostas frente às condições ambientais oferecidas pela rede, em nosso caso, a página no Facebook.

Para dar prosseguimento à pesquisa, faz-se necessário esclarecer os conceitos aqui adotados como base de análise realizada. Propõe-se um cruzamento entre a comunicação desenvolvida em SRS e a *Theory of Planned Behavior* (TPB), amplamente utilizada em estudos de psicologia e consumo, por exemplo. A TPB pode ser entendida como uma extensão da *Theory of Reasoned Action* (de Ajzen & Fishbein, em 1975 e 1980), à qual foi adicionado o conceito de controle comportamental percebido (ARMITAGE & CONNER, 2001). Tal controle é a percepção de facilidade ou dificuldade na realização de um comportamento, que diz respeito especificamente à possibilidade ou não que uma pessoa percebe que ela possui os recursos e as oportunidades necessárias para executar o comportamento em questão (AJZEN, 1991; SHIM, EASTLICK, LOTZ & WARRINGTON, 2001).

O comportamento pode ser determinado, considerando a sua intenção prévia, juntamente com a crença que a pessoa teria para o comportamento. A intenção prévia está interligada aos atributos relacionados com o comportamento que já estão valorizados positiva ou negativamente (AJZEN, 1991). Pela crença, tem-se a atribuição da probabilidade subjetiva que o comportamento irá produzir no resultado em questão. Assim, o comportamento pode ser determinado pelas próprias intenções de desempenhar ou não aquela ação. A TPB fornece conceitos importantes para a compreensão de certos comportamentos: atitudes, normas subjetivas, controle comportamental e intenção (SUNTORN PITHUG & KHAMALAH, 2010).

As *atitudes* surgem a partir das experiências vividas que influenciam as decisões atuais dos participantes na página, resultam em um posicionamento. Já as *normas subjetivas* referem-se às comparações que são feitas com pessoas próximas, as quais podem influenciar a forma de pensar de quem está ao seu redor, e que tem como fim o alcance de um padrão de comportamento aceitável e moral. Por fim, o *controle comportamental percebido* liga-se às competências individuais que facilitam ou impedem o desempenho do comportamento na rede como, por exemplo, a facilidade de identificar uma postagem *fake* ou um perfil robotizado.

Antes de relacionar o lugar de fala feminino com redes sociais e política, é fundamental esclarecer o que se entende por empoderamento feminino. A expressão foi bem caracterizada por SEABRA (2017) ao dizer que envolve

uma reconstrução, uma reconquista, a superação de padrões e, acima de tudo, a tomada de consciência com relação à história da mulher na

sociedade, às regras impostas e que nunca auxiliaram em seu crescimento, mas que agora podem e devem ser modificadas para se adequarem ao novo pensamento do século XXI. (Seabra, 2017, p. 64).

Por fim, a TPB propõe que a intenção de executar um comportamento é a causa próxima de tal comportamento. Intenções representam componentes motivacionais de um comportamento, isto é, o grau de esforço consciente de que uma pessoa irá exercer um comportamento, ou seja, indicações de facilidades ou dificuldades que a pessoa está disposta a enfrentar.

MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Do ponto de vista de sua natureza ou finalidade, esta é uma pesquisa pura, pois “procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas. Seu desenvolvimento tende a ser formalizado, com vistas na construção de teorias e leis” (Gil, 2006, p. 42).

Em relação aos objetivos inicialmente traçados, ela é considerada exploratória-descritiva. Entende-se aqui que como prática metodológica, a pesquisa exploratória implica uma aproximação ao fenômeno concreto a ser investigado com o intuito de perceber seus contornos, nuances, singularidades em um verdadeiro processo de tateamento. Tal pensamento é reforçado por Bonin (2012, p.4), ao propor que “(...) tatear, explorar, não significa sair à deriva. Uma problemática em germinação, movida por um problema, mesmo em estágio inicial de construção, linhas teóricas primeiras que delineiam possibilidades de compreensão do que se deseja investigar são coordenadas básicas para o desenho desta exploração do campo empírico”. A fase de exploração foi essencial, pois todo o percurso acadêmico já realizado pela autora concentrou-se na comunicação participativa no contexto organizacional. Nunca antes, as relações entre comunicação participativa, feminismo e política foram trabalhadas empiricamente. Desta forma, tornar estes assuntos familiares foi pré-requisito para dar sequência à pesquisa.

Em seguida, o foco direcionou-se para a descrição dos fenômenos sociais que se constituem como objeto de estudo. Neste momento, o objetivo foi identificar correlação entre variáveis e focar na análise dos fatos, descrevendo-os, classificando-os e interpretando-os. Trata-se, portanto, de uma análise aprofundada da realidade pesquisada (RUDIO, 1985). Os fundamentos teóricos da pesquisa descritiva foram construídos depois da análise de dados empíricos, sendo aprimorados *a posteriori*.

Para a coleta de dados que permitem a descrição das interações na página do Facebook, a etnografia em ambiente digital foi o método escolhido. Autores brasileiros que se debruçaram sobre as características desse método como FERRAZ E PORTO (2017), POLIVANOV (2013); ROCHA e MONTARDO (2005) e SÁ (2012), em graus distintos, discutem a proposta de KOZINETS (2010); HINE (2015) e SKAGEBY (2013), tendendo a

rejeitar o termo netnografia.

Nesta pesquisa, identificou-se que o método de etnografia de internet de Christine Hine (2015) e os complementos teóricos de Jorgen Skågeby (2013) têm sido bastante utilizados nas explicações metodológicas de pesquisadores brasileiros. Inspirada em Geertz, a primeira autora não se aprofunda nos conceitos e abordagens do antropólogo, nem em outras teorias formuladas sobre os estudos etnográficos tradicionais. Ela se limita a tratar das estruturas das redes de comunicação oriundas da internet, tornando seu trabalho mais técnico e sem aprofundamento nos aspectos componentes de uma cultura online. Apesar desta deficiência teórica, as reflexões de Hine servem como apoio para a análise da passagem da antropologia tradicional para sua versão digital. Por sua vez, SKÅGEBY (2013) defende que este processo de pesquisa é bastante cabível para a esfera digital e destaca que é extremamente importante a compreensão da etnografia tradicional.

Não estendendo ainda mais as explicações metodológicas adotadas, vale observar que, em um primeiro momento, os fenômenos a serem visualizados e mapeados no campo digital foram identificados. Em seguida, foram pensados os embasamentos teóricos úteis à categorização aliados à experiência que a pesquisadora tem dentro do campo e, por fim, enumerou-se os valores que se relacionavam ao problema de pesquisa quando o fenômeno foi analisado. Coleta de dados, observação online oculta e entrevistas online foram as etapas desta etnografia. A partir da coleta e análise dos dados, percebeu-se que seria possível categorizar os resultados atitudes, normas subjetivas e controle comportamental percebido – constructos da TPB previamente apresentados nesta pesquisa.

ANÁLISE DE DADOS

O universo de pesquisa é composto por 206 postagens realizadas entre 11/09/2018 e 07/10/2018, das quais 96 compõem a amostra desta pesquisa. Na fase de coleta de dados, a página Mulheres Unidas contra Bolsonaro tinha 268.966 seguidoras, número significativamente inferior aos quase dois milhões às vésperas do ataque cibernético. No dia 12/09/2018, a página atingiu 30 mil *likes* em uma única mensagem. Registraram-se também a postagem de 19 vídeos e mais de 400 imagens.

Inicialmente, foi traçado um perfil dos membros da página: exclusivamente mulheres⁴, média de 28 anos de idade, oriundas do Brasil, Estados Unidos, Canadá e mais outros 7 países da União Europeia. A partir do estudo de nossa amostra, identificou-se que 46% delas têm uma graduação concluída ou está em andamento. Além disso, quando perguntadas sobre seu posicionamento político, 91% afirmaram adotar valores de esquerda e consideraram suas habilidades comunicacionais e de análise muito boas.

4 Na própria página é possível encontrar a justificativa para a não aceitação de homens: “Entendemos que os homens fazem parte do nosso convívio, mas o grupo foi criado para debate entre mulheres sobre assuntos que dizem respeito ao nosso universo. Mulheres trans e travestis são bem vindas”. Disponível em <https://www.facebook.com/groups/grupo-mucb/about>; último acesso em 02/07/2020.

A partir da análise das 96 postagens que compõem a amostra foi possível propor uma categorização de conteúdo. Chamando mais atenção (48,95%), há o grupo de mensagens que exprimem opiniões pessoais dos membros e são manifestadas com objetivo de convencer ou deter a autoridade sobre o discurso. Em segundo lugar (19,79%), estão as postagens que procuravam verificar a veracidade de notícias e reportagens. Este segundo grupo é caracterizado por um conteúdo que visa dar credibilidade para as informações do grupo anterior, desacreditar Jair Bolsonaro e valorizar os outros candidatos. O terceiro grupo chamado Notícias (16,66%) é constituído por mensagens que simplesmente replicam reportagens, pesquisas e artigos já publicados em outras mídias. Por fim, o quarto grupo (14,58%) é composto por postagens em que os membros pediam informação, buscavam sanar dúvidas ou afirmavam categoricamente sua posição política no momento das eleições. A Figura VI sintetiza a categorização proposta nesta pesquisa:



Figura VI – Categorização do conteúdo das postagens

Fonte: elaboração própria

A análise das postagens indica que a lógica de funcionamento comunicacional do movimento incidiu sobre um ponto crucial de crise social e política. Os interesses comuns das mulheres foram compartilhados e legitimaram um grupo minoritário para defesa do bem-estar social. As participantes usaram estratégias de comunicação para veicular a informação e mobilizar o grupo, em uma tentativa de transformação acelerada da opinião pública às vésperas da eleição.

Procurou-se trabalhar com categorias claras, que fossem mutuamente excludentes, não muito amplas e que contemplassem todas as formas de conteúdo apresentadas pelas

postagens. Apesar da análise de conteúdo ser amplamente utilizadas nas pesquisas de Comunicação Social, corre-se sempre o risco de falha nos quesitos comparabilidade e adaptabilidade (KING, 1985; CARLOMAGNO E ROCHA, 2016; KAPLAN E GOLDSSEN, 1982).

Relacionando esta categorização de conteúdo com nossa proposta inicial de refletir sobre os papéis desempenhados pelas mulheres que dinamizavam a página, destacam-se os seguintes constructos⁵ (Tabela I):

| Atitudes | Normas Subjetivas | Controle Comportamental |
|---|---|---|
| Eu participo dessa página porque o assunto me atrai | Acho que todos esperam que eu acesse essa página regularmente | Eu sou capaz de ler tudo isso aqui e tirar minhas conclusões |
| Passar o tempo interagindo aqui é benéfico | A maioria das minhas amigas estão aqui também | Eu tenho controle sobre o que eu penso |
| Ver as postagens de vocês aqui faz com que eu me sinta satisfeita | Algumas das mulheres que eu mais respeito estão aqui e por isso estou aqui também | Sei que as notícias publicadas aqui são relevantes, mas eu penso sobre elas antes de compartilhar |
| Ler tudo isso aqui me faz me sentir uma tola | | Para mim o tempo discutindo aqui é útil e bem passado |
| Acessar aqui me deixar feliz ... | | Esse espaço aqui é importante para discutir opiniões |

Tabela I – Relação entre conteúdo e TPB

Fonte: elaborado pela autora

Foi possível observar a construção de uma análise crítica às imagens, textos e vídeos que a mídia tradicional noticiava, a troca de dados estatísticos e diversas tentativas de mudanças de atitudes. Pode-se inferir que um dos principais papéis desempenhados foi o de negociação. As participantes com maior controle comportamental percebido agiam como líderes e, em 78% dos casos analisados, foram a referência nos processos de comparação (normas subjetivas). Em pouco mais de metade (59%) das postagens analisadas é possível notar que as participantes intencionalmente procuraram a página e a fim de obterem mais informações e confirmarem sua opinião sobre Bolsonaro, o que caracteriza um outro papel: o de confirmação. Por fim, outra função desempenhada pelas participantes foi o de sensibilização, notável especialmente nas postagens em que mulheres menos engajadas demonstravam descrença em relação a própria página.

⁵ Todas as frases da Tabela I são trechos de postagens realizadas na página durante o período de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos estudos têm procurado descobrir as motivações das pessoas para a utilização de mídias sociais ou para a participação em comunidades online, assim como há trabalhos que tem explorado as oportunidades, ameaças e aplicações das mídias sociais na vida diária, entretanto a abordagem relacionada aos SRS é recente para a academia. Deste modo, o presente estudo contribui para o escopo teórico de pesquisas sobre o fenômeno dos SRS na perspectiva de comportamento do indivíduo, por seus esforços iniciais para a construção de um instrumento de coleta de dados embasado pela TPB,

Em sua conclusão, esta pesquisa permite duas inferências. A primeira delas está ligada ao *hackeamento* da página Mulheres Contra Bolsonaro. Tal ação alerta para a necessidade urgente de uma discussão de políticas públicas sobre cibersegurança, que deve incluir a proteção da sociedade civil e tentar diminuir a vulnerabilidade a que o ativismo em pautas relacionadas ao direito das mulheres encontra. A segunda dedução é que de fato a página contribui para uma (re)significação do papel da mulher, no que diz respeito à desconstrução de valores patriarcais e sua liberdade de expressão em assuntos ligados à política. A velocidade de adesão à iniciativa, a alta taxa de postagens e demais métricas de interação são indicadores da não só da urgência por um debate ampliado, mas também reconhecimento de uma identidade feminina consciente de seu potencial e capacidade de intervenção.

REFERÊNCIAS

AJZEN, Icek *et al.* The theory of planned behavior. **Organizational behavior and human decision processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.

ARMITAGE, Christopher J.; CONNER, Mark. Efficacy of the theory of planned behaviour: A meta-analytic review. **British journal of social psychology**, v. 40, n. 4, p. 471-499, 2001.

BONIN, Jiani. Nos Bastidores da Pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. **In Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2018.

FERRAZ, Cláudia Pereira; ALVEZ, André. Da etnografia virtual à etnografia online: deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. **41º Encontro Anual ANPOCS. Caxambu**, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HINE, Christine (Ed.). **Virtual methods: Issues in social research on the Internet**. Berg Publishers, 2005.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Editorial uoc, 2011.

KOZINETS, Robert. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities**, 2002.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. Boitempo Editorial, 2015.

NORRIS, Pippa. **Democratic Phoenix: Reinventing Political Activism**. Cambridge University Press, 2002.

PUTNAM, Linda. **Revisiting “Organizations as Discursive Constructions”: 10 Years Later. Communication Theory**, Volume 25, Issue 4, November 2015, disponível em //doi.org/10.1111/comt.12074, último acesso em 02/06/2019.

ROCHA, Paula; MONTARDO, Sandra. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura**. E-Compós, dez. 2005.

RUDIO, Franz. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1985
SEABRA, Ana Caroline. **Feminismo e Redes Sociais: um estudo sobre empoderamento pela internet**. In INTERFACIS, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 2017.

SKÅGEBY, Jörgen. **Online Ethnographic Methods: Toward a Qualitative Understanding of Virtual Community**. Sweden: Ed. IGI Global, 2013.

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil**. Seminário o Feminismo, os estudos culturais e outros campos da crítica. 2014, USP. Disponível em: <https://cbd0282.files.wordpress.com/2014/05/feminismonobrasil.pdf>, último acesso em 02/06/2019.

SOUZA, Luciana da Costa. Democracia representativa, deliberativa ou participativa. **O espaço dos conselhos neste debate. Saber Acadêmico**, n. 10, 2010.

SUNTORNPIHUG, Nichaya; KHAMALAH, Joseph. MACHINE AND PERSON INTERACTIVITY: THE DRIVING FORCES BEHIND INFLUENCES ON CONSUMERS' WILLINGNESS TO PURCHASE ONLINE. **Journal of Electronic Commerce Research**, v. 11, n. 4, p. 299, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

análise de conteúdo 26, 37, 221, 228, 268

Análise de Conteúdo 242

Art-College Berlin-Weissense 88

C

Câncer de Mama 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Ciberativismo 26, 50

Comunicação Política 30, 32, 221

Conselho Tutelar 202, 210, 213, 214, 215, 219

Constituição Federal 4, 102, 203, 221, 222, 300, 303, 305

Crise Econômica 141, 145, 154, 308, 310, 313, 316

D

Discurso Publicitário 308, 312, 314, 319

Ditadura Civil-Militar 25, 111, 112, 114, 115, 118, 120, 122, 123

E

Educomunicação 75, 76, 78, 81, 83, 84

Estética 16, 43, 95, 98, 110, 111, 112, 122, 159, 170, 174, 175, 176, 178, 191, 264, 298

F

Feminicídio 4, 7, 10, 11, 13, 40

Feminismo 15, 24, 27, 34, 39, 44, 45, 46, 48, 51, 52, 65, 66, 68, 74

Fotografia de Exaltação 286, 287, 293

Foucault 19, 20, 24, 40, 42, 43, 51, 102, 106, 107, 108, 109, 253, 254, 264, 318, 320

G

Gaudreault 112, 113, 120, 123

Gênero 3, 4, 5, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 97, 173

Grotesco 172, 174, 175, 180

Guerra Civil 157, 164, 167

Gutenberg 194, 196, 200

H

Habitus 313, 318

Historicidade 252, 253, 254

I

Imprensa 2, 5, 9, 10, 11, 12, 18, 22, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 107, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 168, 169, 177, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 227, 255, 256, 283, 288, 333

Infotendimento 150, 181, 191

Intervenção Federal 221, 222, 225, 228, 234, 236, 238, 239, 240, 241

J

Jornalismo Sindical 53, 54, 55, 56, 64, 333

Jornal Nacional 221, 225, 226, 228, 229, 230, 233, 235, 238, 241

Judith Butler 15, 44

K

Katharina Mouratidi 85, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 96, 100

L

LGBT 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 211

M

Marketing Territorial 140

Martín-Barbero 75, 76, 77, 84, 191, 193, 255, 264

Mídias Digitais 40, 41, 46, 47, 81

MTST 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Muniz Sodré 81, 172, 190, 224

N

Narrativa 93, 111, 112, 114, 118, 122, 123, 160, 171, 173, 182, 185, 186, 189, 190, 192, 228, 291, 292, 317

Neuromarketing 244, 245, 246, 247, 250, 251

Noticiabilidade 6, 170, 177, 182

Novos Movimentos Sociais 124, 126, 206

P

Performance 17, 18, 91, 92, 98, 100

Pesquisa Exploratória 34

Políticas Públicas 4, 12, 13, 38, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 144, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 223, 281, 304

Prensa 189, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 294

Protestantismo 200

Psicologia Ambiental 295, 296, 297, 299, 304, 305, 307

R

Rádio 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 84, 161, 173, 184, 257

Redes Sociais 26, 30, 32, 33, 39, 41, 46, 49, 50, 77, 148, 167, 180

Representações Midiáticas 252

S

Subproletariado 131

V

Valor Notícia 170, 171, 174, 177

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.arenaeditora.com.br 
contato@arenaeditora.com.br 
[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 
www.facebook.com/arenaeditora.com.br 